
Para se livrar da alteridade
Pour en finir avec l'altérité

Jean-Louis Poitevin

Tradução: Matheus Viegas Ferrari

<https://orcid.org/0000-0003-2545-3068>

(Matheus Viegas Ferrari)

Resumo

Como pensar sobre o racismo? Toni Morrison indaga-se sobre essa pergunta há muito tempo. A ela, em suas palestras de 2016 em Harvard, traz uma resposta inesperada. Trata-se da ligação entre o racismo como aprendizagem cultural e sociológica e sua raiz interior, lugar onde a alteridade emerge como um inimigo em cada um de nós. Contudo, para melhor compreender esse lugar de negação interior, um retorno às formas de alteridade tal qual a literatura foi capaz de formular tornou-se um desvio necessário. Quignard, Burroughs, Musil foram convocados para a ocasião.

Palavras-chave: Racismo. Alteridade. Burroughs. Musil. Toni Morrison

Abstract

How to think about racism? To such an essential question for her, Toni Morrison provided an unexpected answer in her 2016' Harvard Lectures. She puts forward the link between racism (as a cultural and sociological behavior) and its inner root as a place where otherness emerges as an internal enemy for each of us. However, to better understand that stance of inner denial, a return to the forms of otherness that literature has succeeded to formulate has become a necessary detour. Quignard, Burroughs, Musil were summoned for the occasion.

Keywords: Racism. Alterity. Burroughs. Musil. Toni Morrison

I. Abordagens da alteridade

Nada de muito preciso

Acabar com a alteridade: tal formulação, tal programa pode parecer singularmente vazio, talvez mesmo absurdo, sobretudo porque o que sabemos sobre nós mesmos e sobre o mundo é marcado pela onipresença do outro e dos outros. Sem dúvida, isso se dá porque conferimos uma particular importância àquele ou àquela que nós somos, esse eu no qual e através do qual nos conhecemos e nos reconhecemos. No entanto, esse eu talvez não tenha a consistência que lhe atribuímos. Além disso, pode ser que seja apenas uma máscara que cobre um vazio ou, ao menos, uma fraqueza original, eventualmente ontológica. Em todo caso, é importante tomar nota dessa fraqueza quando queremos questionar o que constitui o polo oposto desse eu, o duplo inacessível. Em *Vie secrète* [Vida secreta], Pascal Quignard nota com justa delicadeza, não desprovida de ironia, que “para ter acesso à egoforia, fechamos os olhos para a não-identidade” de cada um de nós. Que nós possamos todos nos servir da linguagem e dizer todos eu no lugar do ele ou do ela nos prova a todo instante que não somos nada de muito precisos.” (QUIGNARD, 19980, p. 319)¹

Além disso, quando não deixamos de dizer eu ou pensar que esse algo que somos ou afirmamos ser existe sob a denominação de um eu, não deixamos de supor que diante desse eu há algo a mais e que, certamente, também há outros tão semelhantes que importa considerá-los como diferentes para não estar no momento desse impossível reconhecimento referido ao quase nada da nossa existência.

Para falar dos outros impõe-se o plural, pois estamos em um mundo onde ninguém ignora que existam ao mesmo tempo outros povos, outras culturas, outras civilizações; em suma, que o mundo, esse mundo, nosso mundo é povoado de outros variados. É por isso que, de um ponto de vista filosófico e existencial, o questionamento dessa alteridade, quer como evidência partilhada, quer como conceito central que permita estabelecer vínculos mais significativos com o que nos rodeia, deve constituir um campo de reflexão e, mesmo, de ação de considerável importância.

A recente publicação do livro de Toni Morrison *L'origine des autres* [A origem dos outros] permite que se aproprie novamente dessa questão e que se tente, por um lado, estabelecer uma breve genealogia e, por outro, desenhar os contornos do que poderia ser

¹ Tradução nossa. Em francês: « [...] pour accéder à l'égophorie, on ferme les yeux sur la non-identité de chacun d'entre nous. Que nous puissions tous nous servir du langage et tous dire je au travers de lui nous prouve à tout instant que ne nous ne sommes rien de bien précis. »

um mundo, se não sem outro, ao menos sem alteridade, sem que o outro dela fosse a parte maldita desses eu que o povoam.

O segredinho sujo

Devemos a D.H. Lawrence não somente saber localizar, mas identificar em detalhe as armadilhas mortais que não cessa de nos colocar nossa crença em uma estrutura do eu como fundamento do nosso ser ao mundo, um eu fabricado pelo âmbito familiar e transmitido pela mecânica edipiana que a psicanálise soube construir e pôr em prática, repositório forçado de uma consciência de si pautada por um ódio de si, ou seja, do outro em si. Essa alteridade não é tanto uma evidência como uma construção, pois esse outro está nas mãos do diabo mais necessariamente do que provavelmente : o diabo é o nome desse operador singular que permite que o que esteja em nós se encarne além de nós e que o que está além de nós encontre os meios para vir invadir nossa fortaleza íntima.

O outro é o nome desse vai e vem constante, uma vez que foi fixado sob a forma de uma partilha que deveria ser explícita e que deveria marcar a possibilidade da verdade. O outro é o nome do possível e do sonho tomado pelo frio do medo, um medo que recusa a reconhecer-se como tal e que somente pode fazê-lo no jogo dos esquemas mentais construídos no seu entorno. Trata-se assim de impedi-lo de arriscar que se deixe cair do pedestal o eu imaginário que ali se estabeleceu no tempo de um piscar de olhos e que já perece em torno de uma verdade e de um poder dos quais ele seria o depositário.

Lembremo-nos, não nos esqueçamos, da relação de Lawrence à psicanálise. Ele, ao menos, sua reticência não vinha de um espanto frente à descoberta da sexualidade. Mas, antes, tinha a impressão, pura impressão, que a psicanálise trancava a sexualidade em uma caixa bizarra com enfeites burgueses em algo como um triângulo artificial bastante nojento, que asfixiava toda a sexualidade como produção do desejo, para torná-la um 'segredinho sujo', o segredinho da família, um teatro íntimo em vez da fantástica usina Natureza e Produção. (DELEUZE; GUATTARI, 1973, p. 58)²

A pergunta persiste, insiste; aquela de saber não somente como se coloca em prática esse segredinho sujo, mas, também, como conseguir não apenas escapar dele e sim como erradicá-lo. Isso porque esse segredinho sujo somente é uma das formas que toma a alteridade que inventa o eu, para manter-se de pé, fazendo face àquilo mesmo que ele

² Tradução nossa. Em francês: « Rappelons-nous, n'oublions pas, la relation de Lawrence à la psychanalyse. Lui, au moins, sa réticence ne venait pas d'un effroi devant la découverte de la sexualité. Mais il avait l'impression, pure impression, que la psychanalyse était en train d'enfermer la sexualité dans une boîte bizarre aux ornements bourgeois dans une sorte de triangle artificiel assez dégoûtant, qui étouffait toute la sexualité comme production de désir, pour en refaire sur un nouveau mode un « sale petit secret », le petit secret familial, un théâtre intime au lieu de la fantastique usine Nature et Production ».

instaurou como o seu outro, que é tanto o produto da sua imaginação prisioneira, do seu “local de produção”, quanto do seu duplo que ele se recusa a reconhecer como tal.

A outra questão é a descoberta dos caminhos que permitem que não se caia nessa armadilha. Tais caminhos são intercalados e, por vezes, desenhados com precisão por alguns e por algumas.

O macaco que rói o pescoço

Por sua vez, W.S. Burroughs foi um dos que se aproximou do outro que nos espera na esquina da rua, senão talvez para nos matar, porque ele também precisa de nós para existir, então pelo menos para nos mandar de volta para as teias do medo. Desempenhando o papel do nosso odiado duplo, deveríamos ser capazes de aprender a amá-lo, mas a experiência empreendida por Burroughs mostra que essa exigência de amor é, de fato, uma armadilha. Esse outro é um elemento exógeno que veio habitar em nós, para continuar a sua vida. Somos apenas o corpo hospedeiro de um vírus que não tem outra ambição senão a de nos manter vegetativamente vivos para continuarmos a existir. A dificuldade do exercício reside no seguinte: esse duplo de nós mesmos assume a aparência desses outros, tão violentamente impacientes em nos devorar, que trocam suas máscaras. Isso é o que torna tão difícil escapar da armadilha do medo, da veemência da submissão.

Aqui teremos reconhecido o retrato da droga e do drogado, desta relação singular que consistiu para Burroughs em explorar os fluxos e as interações entre um exterior, supostamente sede do divino, entre uma substância, que nos permitiria aproximarmos dele, e entre um interior que deveria ser o lugar ideal para que esse deus tomasse seu lugar para sobreviver. No entanto, as coisas não acontecem como pensamos. É preciso uma mente fabulosamente atenta como a dele para desenrolar os fios da armadilha.

A droga é o produto ideal, a mercadoria por excelência... Nenhum convencimento é necessário para seduzir o usuário; ele está disposto a atravessar um esgoto rastejando sobre os joelhos para mendigar a possibilidade de comprá-la. O traficante não vende o seu produto ao consumidor, ele vende o consumidor ao seu produto. Ele não tenta aprimorar ou simplificar sua mercadoria: reduz e simplifica o cliente. E paga seus empregados em natureza – ou seja, em droga.

Esta contém a fórmula do vírus diabólico: a álgebra da necessidade. E a face do diabo é sempre aquela da necessidade absoluta. (BURROUGHS, 1964, p. 11)³

3 Tradução nossa. Em francês: « La came est le produit idéal, la marchandise par excellence... Nul besoin de boniment pour séduire l'acheteur ; il est prêt à traverser un égout en rampant sur les genoux pour mendier la possibilité d'en acheter. Le trafiquant ne vend pas son produit au consommateur, il vend le consommateur à son produit. Il n'essaie pas d'améliorer ou de simplifier sa marchandise : il amoindrit et simplifie le client.

Era necessária a potência criadora desse homem para revelar os aspectos menos apetitosos do segredinho sujo, não mais visto sob o ângulo sexual, mas sob aquele da necessidade. E essa necessidade, que nunca definimos como apenas natural, também surge como uma construção. E é tal construção, ou o modelo de toda construção que seja ao mesmo tempo econômica e psíquica, mais aquela do que esta, que ele traz à tona, por mais insuportável que seja a revelação trazida por ele.

De fato, dois elementos essenciais são descobertos por Burroughs: o caráter viral da alteridade — seja ele droga ou verbo, a inutilidade do ego como a estrutura que permite pensar e controlar os fluxos permanentes que compõem o que chamamos de eu, ou aqui de ego — e o que tão mal chamamos de mundo. Há apenas trocas constantes entre essas duas dimensões, que são apenas dimensões de um único mundo. Ao revelar-se a troca de tipo simbiótica entre o drogado e a mercadoria, entre o hospedeiro e o vírus, tem-se uma visão não trágica, mas cômica que se desenha diante de nós. Isso porque Burroughs não recua frente à hipótese máxima que concerne a humanidade como falante e pretenciosa, a ponto de se acreditar mestra da linguagem. Essa hipótese é tão simples quanto radical: “Talvez o verbo seja ele próprio um vírus que, definitivamente, implantou-se em um hospedeiro.” (BURROUGHS, 1999, p. 27)⁴

Se essa hipótese radical estiver correta, então cada um de nós, seres falantes, prospera ao acreditar que estamos desdobrando nossos egos ao falar do macaco que rói o pescoço. O outro não somente está em nós como também nós o somos. Nós somos o outro de um outro que não responde a nenhum eu e que não se manifesta em nós sob nenhuma forma de ego, mas que existe apenas sob a forma informal da multiplicação infinita de si mesmo. Esse outro, vindo sabe-se lá de qual exterioridade, sabe qual deles escolheu para viver em nós e tornou-se mais nós do que nós mesmos o somos. O ego nem sequer é uma máscara; é apenas uma fórmula para não ver o vazio em que cada um de nós dança porque “a melhor escrita é alcançada em um estado de perda do ego”. O ego do escritor, defensivo e limitado, e suas “próprias palavras” são as fontes menos interessantes.” (BURROUGHS, 2008, p. 114)⁵

O recorte inventado por Gysing e Burroughs é, sem dúvida, uma das mais poderosas manifestações criativas para acabar com a alteridade.

Et il paie ses employés en nature – c'est-à-dire en came. La drogue recèle la formule du virus diabolique : L'algèbre du besoin. Et le visage du diable est toujours celui du besoin absolu. »

4 Tradução nossa. Em francês: « Le verbe lui-même est peut-être un virus qui s'est définitivement implanté chez un hôte. »

5 Tradução nossa. Em francês: « [...] la meilleure écriture est atteinte dans un état de perte d'ego. L'ego de l'écrivain, défensif et limité, et ses « propres mots » sont les sources les moins intéressantes. »

O outro, o meu duplo

É difícil evocar o outro sem cair em contradições, não através das imagens distorcidas de si mesmo que chamamos o rosto da alteridade e que o mundo nos devolve, mas nas inumeráveis dobras da psique em que está o mais absoluto “modelo” do outro, ainda que de alguma forma oculto, esquecido, ou até negado; esse duplo de nós mesmos, esse gêmeo que permanece muitas vezes desconhecido ou mal compreendido, exceto pelos autores que lhe souberam atribuir o lugar merecido. Isso porque ele nunca faz com que o esqueçamos, ainda que isso continue a ser um ponto obscuro na nossa reflexão sobre a alteridade. Nós somos dois de nós e sempre fomos dois se nos referimos à existência em cada um de nós e para cada um de nós nesses dois hemisférios cerebrais que tendemos a não distinguir. A primazia da razão cobriu essa dualidade original e permanentemente ativa “em” cada um de nós em nome do poder sintético a que deve conduzir a razão; o poder a que nos devemos submeter para que sejamos o que devemos ser, um “homem”.

A literatura explorou esse domínio do duplo, o gêmeo do outro “eu”, que de repente aparece diante de nós. Há versões nas quais esse duplo é monstruoso ou assume a forma de um inimigo, mas há outras em que esse duplo é imediatamente percebido como uma parte esquecida ou oculta de si mesmo, a parte que faltava, cuja falta só foi sentida de forma confusa, mas que, subitamente, se revela como uma falta e que se afirma como uma possibilidade de uma nova plenitude.

Como já se disse, há muitos exemplos dessa complexa presença do outro em si, do duplo como figura redentora ou acusadora. Encontramos esse duplo em todos os livros de Ingeborg Bachmann, na *Belle du Seigneur* [Bela do Senhor] de Albert Cohen; ele é o anjo do terrível que visita Rilke em *Les Élégies de Duino* [Elegias de Duino]; ele é, obviamente, Frankenstein e também é Fat Horse em *Siva* de Philip K. Dick. Ele é todas as diversas e variadas vozes que, em um dia qualquer, vieram sussurrar ao ouvido do poeta, e que foram nomeadas Musa ou inspiração e que tiveram origem nos dois textos fundadores da literatura ocidental: a *Ilíada* e a *Odisséia*, textos em que a alteridade tem como campo de manifestações a infinidade de possibilidades e, para dar-lhe um nome, cada um dos deuses que habitam o Olimpo, mas cuja principal atividade é vir em auxílio dos homens ou combatê-los tomando a forma do “outro”.

Aqui, vamos debruçar-nos apenas sobre esse duplo místico da literatura da primeira metade do século XX formado pelos irmãos Ulrich e Ágata em *L'Homme sans qualités* [O Homem sem Qualidades] de Robert Musil.

Faz-se necessário apresentar por extenso o momento no romance em que o irmão, após cinco anos sem ver a sua irmã, torna a reencontrá-la. De fato, mesmo fora de

contexto, estas linhas descrevem com meticulosidade exemplar o que se poderia chamar o sintoma do reencontro, este complexo psicológico onde um “eu” vai encontrar a outra parte de si mesmo, a parte de si mesmo que realmente esqueceu e que repentinamente se manifesta. Ainda que sejam dois seres, irmão e irmã, é a lei do romance que se impõe aqui. No entanto, devemos entender esse encontro como o de duas partes dissociadas que pertencem, contudo, à mesma entidade e, assim, ler no correr das linhas uma história, ainda mais essencial, aquela da descoberta por “uma” entidade da sua metade esquecida ou perdida.

Ágata, a irmã esquecida, deixa seus pertences na casa do pai, que acaba de morrer, e está à espera da chegada de seu irmão Ulrich. Um encontrará o outro, o outro o um. O que o texto revelará é que não é tanto que um ou outro se enfrente, mas que duas metades do mesmo ser se encontrem. Enfrentamos o que pode ser apresentado como a regra implícita desses reencontros, o fato de o “re” do reconhecimento preceder de alguma forma o próprio conhecimento. É a exploração dessa frente que torna possível essa reunião.

Involuntariamente, Ulrich ergueu os olhos para as janelas, pensando que Ágata poderia estar parada atrás delas, examinando-o, e constatou com uma sensação incômoda que sua estada ali ficaria frustrada se ela lhe desagradasse. Pareceu-lhe um traço de familiaridade ela não ter ido à estação nem estar no portão à sua espera, um certo parentesco de sensibilidades, pois na verdade não teria fundamento correr ao seu encontro como se ele próprio, mal chegando, tivesse corrido para junto do caixão do pai. Mandou dizer que estaria pronto em meia hora, e ajeitou-se um pouco. O quarto onde fora alojado ficava no segundo andar da parte central, uma espécie de mansarda, e fora seu quarto de criança, agora estranhamente completado por alguns utensílios visivelmente reunidos às pressas, que serviam para o conforto de um adulto.

‘É provável que não se possa dar outra arrumação enquanto o morto estiver em casa’, pensou Ulrich, instalando-se, não sem dificuldades, entre as ruínas de sua infância, mas também com um pouco da sensação agradável que subia como nevoeiro daquele chão. Queria trocar de roupa e, nisso, lembrou-se de vestir um traje caseiro que parecia um pijama, que lhe caiu nas mãos ao desfazer as malas. “Pelo menos, ela podia ter-me cumprimentado assim que entrei”, pensou, e naquela descuidada escolha da roupa havia uma vaga censura, embora continuasse sentindo que a irmã devia ter algum motivo para seu comportamento, conferindo à sua troca de roupas algo da cortesia que existe numa forma descontraída de intimidade.

Era um grande pijama de lã macia, quase uma espécie de roupa de pierrô, xadrez preto-e-cinza, amarrado nos punhos e tornozelos, e na cintura; gostava dele por sua comodidade, que, enquanto descia a escada, lhe agradou muito depois da noite insone e da longa viagem. Mas quando entrou na sala onde a irmã o aguardava, espantou-se com

suas vestimentas, pois, como por uma dessas secretas determinações do acaso, encontrou-se diante de um grande pierrô louro, envolto em listras e quadrados cinza-claro e cor de ferrugem, que ao primeiro olhar era muito parecido com ele. — Mas eu não sabia que éramos gêmeos! — disse Ágata, o rosto iluminado de alegria. (MUSIL, 1989, p. 480)⁶

Tal texto encena algo que se assemelha ao encontro, em um lugar familiar que se tornou estranho a dois seres, de duas entidades que, ao mesmo tempo, se conhecem e se esqueceram uma da outra, mas que, quando se reencontram, descobrem que fazem parte do mesmo “lugar” da mesma casa, da mesma concha e, ainda, da mesma pessoa ou até do mesmo crânio!

Se aceitarmos por um momento fazer este pequeno trabalho mental de abstração, ao mesmo tempo em que tentamos ler cada palavra, cada frase como a apresentação de uma situação psicológica, simultaneamente rara e essencial, mas que todos podem conhecer, então estamos diante do mistério central dessa questão da alteridade. Um vai com o outro e o outro não é diferente do um. Cada eu é composto por duas entidades que fizemos ignorar uma à outra, mas que não param de procurar uma pela outra, e que, em alguns indivíduos, esgotam-se nessa tentativa de encontrar-se.

⁶Nota do tradutor : Tradução de Lya Luft e Carlos Abbenseth. O autor citou, em francês, MUSIL, 1958, p. 16: « Involontairement, Ulrich leva les yeux vers le fenêtrés dans l'idée qu'Agathe serait peut-être derrière à observer son arrivée. Il se demanda si elle était jolie et constata sans joie que le séjour serait singulièrement fâcheux si elle ne lui plaisait pas. Qu'elle ne fût venue ni à la gare ni à l'entrée lui semblait à vrai dire de bon augure, en quelque façon conforme à ses sentiments : à tout prendre elle n'avait pas plus de raisons de courir au-devant de lui que lui de se précipiter, à peine arrivé, au chevet du défunt. Il annonça qu'il serait prêt dans une demi-heure et fit un peu de toilette. La chambre mansardée où il avait trouvé abri était au second étage du corps principal ; c'était son ancienne chambre d'enfant, complétée curieusement, depuis lors, par quelques aménagements visiblement hâtifs, qu'exige le confort des adultes. « Sans doute ne peut-on rien y changer tant que le mort est dans la maison », pensa Ulrich; il s'installa non sans difficultés sur les décombres de son enfance, tandis qu'un rien de plaisir, pourtant, montait de ce parquet comme un brouillard. Il voulut se changer, et l'idée lui vint de passer une sorte de pyjama d'intérieur qui lui tomba dans les mains comme il défaisait ses valises. « Elle aurait pu au moins m'accueillir dans l'appartement ! » pensa-t-il. Il y avait dans le choix négligent de ce vêtement comme un vague désir de faire la leçon à sa sœur, bien que le sentiment qu'elle aurait, pour défendre son attitude, quelque raison qui lui agréerait ne l'eût pas quitté et prêta à ce changement de tenue un peu de la courtoisie qui accompagnait toujours l'expression sans contrainte de la confiance. C'était un grand pyjama de laine moelleuse, une sorte de costume de Pierrot, carrelé de gris et de noir, noué aux poignets et aux chevilles comme à la ceinture : il l'aimait pour son confort, confort qu'une nuit d'insomnie et un long voyage lui firent ressentir avec plaisir quand il descendit l'escalier. Mais lorsqu'il pénétra dans la chambre où l'attendait sa sœur, il s'émerveilla de s'être ainsi vêtu. Par une mystérieuse disposition du hasard, il se trouva en effet devant un grand Pierrot blond, enveloppé de rayures et de carreaux d'un gris et d'un rouillé subtils, qui, au premier coup d'œil, paraissait tout semblable à lui. « Je ne savais pas que nous fussions jumeaux ! » dit Agathe et son visage s'éclaira de gaieté. »

Talvez seja necessária, como bem diz o texto, “uma dessas secretas determinações do acaso” para que tal experiência nos aconteça. Mas é de fato uma das coisas que buscamos quando mergulhamos em um livro, em particular em um romance, que nos leva ao limiar desta revelação. É verdade que poucas pessoas assim o permitem mas elas são ainda mais importantes e essenciais. Porém, é relevante tentar compreender em que medida esse outro não é o outro, mas sim um semelhante que não nos pertence mais do que nós lhe pertencemos.

II. Os dois polos da alteridade

A pior face da alteridade

Toni Morrison é uma das poucas autoras que tem explorado consistentemente os terríveis paradoxos que compõem a paisagem da alteridade no que ela tem de mais radical, mais violento, mais explícito, mais óbvio, mais “real” e de pior: o racismo.

Em um livro recente composto por uma série de seis palestras dadas na Universidade de Harvard, ela emprega toda a intensidade do seu poder de pensamento para nos levar de uma reflexão inevitável a um resultado inesperado sobre a alteridade.

O racismo é levado pela prática imemorial da escravatura, que é a prática da utilização de seres humanos para trabalhos diversos e geralmente os mais árduos, seres humanos que, devido a várias circunstâncias, perderam o seu estatuto de homens livres para se verem privados de todos os direitos e de toda a sua própria existência. O escravo é um ser humano que se tornou um objeto.

Se essa prática existiu e ainda existe, certamente em menor grau, em todas as culturas, ela assumiu uma dimensão mais terrível e essencial com o tráfico de escravos, uma vez que essa diferença não tenha sido gerada pelas circunstâncias, ou pelo acaso, como testemunham muitos romances gregos e latinos em particular, mas que se tornaria “ontologicamente” ou “substancialmente” legítima. Os negros outrora instalados nos países da grande América e do Caribe e no país conhecido como Estados Unidos tornaram-se objeto de infinita discriminação “ontológica”, resultando em infinita violência física e psicológica que o fim da Guerra Civil tornou oficialmente ilegal, certamente, embora nada no comportamento dos brancos mostre que ela tenha sido realmente abolida.

Nesse livro, Toni Morrison descreve as faces da alteridade conhecidas como racismo e mostra como essa alteridade é uma construção social que molda as próprias mentes e psique daqueles que vivem nesse país como em tantos outros. Ela tem também a coragem de abordar o fato de essa atitude parecer não só ter raízes sociais e históricas, mas também corresponder a uma forma psíquica comum a todos, uma vez que elementos de atitudes

ou de comportamentos e pensamentos de natureza racista se encontram em atitudes aparentemente mais cotidianas e banais.

O desafio dessas conferências, como compreendemos, é, portanto, tentar encontrar “a” raiz, não tanto do racismo, mas do que poderíamos chamar de “relação de objeto” ou do fato de haver aparentemente algo em cada ser que se assemelha a um desejo de ver no outro um possível objeto. Não é o objeto que importa, mas o fato de se ter um, o fato de se estar situado perante outro, e portanto, de estar situado em relação a outro, o outro, o *alter*, numa relação de não-equidade, de diferenciação de desigualdade e, finalmente, de “objetividade”.

O outro polo da alteridade

Se essas conferências permitem que Toni Morrison volte à sua produção, elas são igualmente uma forma de trazer pessoas que realmente experimentaram o racismo em suas próprias peles. Mas uma outra voz responde a essa dolorosa e necessária evocação e ela surge como um eco discreto e poderoso, quase inaudível, mas que está ali ; uma vivacidade singular e vibrante em meio ao que há de mais desumano na humanidade.

A alteridade é socialmente construída e impressa na psique de cada pessoa, de mestres como escravos, e é essa dimensão interior pela qual ela se interessa. Por meio de anedotas pessoais e da apresentação de algumas das intenções por trás de alguns de seus romances, ela deixa de sentir que um ímã move a agulha da alteridade e faz com que se refira a um campo pouco explorado quando falamos do mundo interior: a vida psíquica, o território do homem que é simultaneamente o que há de mais limpo e de mais íntimo, mas que lhe é frequentemente o menos conhecido, senão o mais desconhecido.

É ao questionar constantemente o polo sociológico do racismo como figura da alteridade radical que ela consegue fazer emergir a segunda figura da alteridade interior. Antes de tudo, ela vê nessa interioridade um mundo à imagem do mundo exterior.

Talvez eu possa esclarecer essa habilidade generalizada de alienar os outros, explicando como eu mesma participei desse processo e aprendi com ele. Publiquei essa história em outro lugar, mas quero descrever a vocês o quanto estamos inclinados a nos distanciar e impor nossa própria imagem a estranhos, bem como a nos tornarmos esse estranho que talvez abominemos. (MORRISON, 2018, p.35)⁷

Porque não é assim tão simples encontrar esse outro em nós. Ele toma frequentemente a forma de reflexos mais ou menos deformadas que o mundo projeta

7 Tradução nossa. Em francês: « Peut-être puis-je clarifier cette capacité fort répandue d'aliéner autrui en expliquant comment j'ai moi-même participé à ce processus et en ai tiré une leçon. J'ai publié ce récit ailleurs, mais je veux vous décrire combien nous sommes enclins à nous distancier et à imposer notre propre image à des étrangers, ainsi qu'à devenir cet étranger que nous abhorrons peut-être. » (MORRISON, 2018, p.35)

sobre nós e dos quais nos alimentamos. Embora esse mundo interior, que negamos ou desconhecemos, funcione como uma espécie de polo de chamada, ele é, por vezes, recebido por um gesto de repulsa ou, como aqui, como um gesto de inversão, a ponto de fazê-lo existir ao negá-lo nesse mesmo gesto, transformando-o naquilo de que de fato abominamos.

O outro que assombra esse polo interior é, na verdade, o próprio mistério da existência e do pensamento. Ele atua em silêncio, raramente se manifesta, mas é ele que permeia largamente as grandes obras de arte e, como já foi dito, as da literatura em particular. É ele quem constitui o centro secreto dessa busca e cuja identidade, com o domínio do romancista, ela somente nos revela na última linha do livro.

É também através da figura negativa da derrocada do outro como um “objeto” que se manifesta o poder de ruptura dessa presença e dessa prevalência do outro no próprio coração da nossa visão psíquica. Mas então, o paradoxo é que, precisamente por se recusar a permitir que essa outra pessoa exista, essa santificação toma a forma mais violenta da transformação do outro, estranho que surge em minha vida como um objeto e, portanto, de sua redução ao estado ou forma de “escravo”, no sentido de uma entidade submetida à minha vontade.

Por que gostaríamos de conhecer um estranho quando é mais fácil alienar outra pessoa? Por que gostaríamos de remover a distância quando podemos remover o acesso? Os apelos da arte e da religião em favor da cortesia na Comunidade das Nações são dificilmente perceptíveis. Levei algum tempo para entender minhas afirmações irracionais sobre essa pregadora. Compreender que eu sentia o desejo e a falta de um aspecto de mim mesma, e que não há estrangeiros. Há apenas versões de nós mesmos, às quais não aderimos para muitos e das quais queremos nos proteger em grande parte. De fato, o estrangeiro não vem de outro país, é aleatório; não vem de outro mundo, mas é lembrado; e é a natureza aleatória de nosso encontro com o nosso eu já conhecido – embora não reconhecido como tal – que causa uma leve onda de preocupação. Isso é o que nos faz rejeitar a imagem e as emoções causadas por esse encontro, especialmente quando as emoções causadas por esse encontro são profundas. É também o que nos faz querer possuir, governar e administrar o Outro. Embelezar essa pessoa, se possível, enviando-a de volta aos nossos próprios espelhos. Em ambos os casos (de preocupação ou falsa reverência), negamos seu status de pessoa, aquela individualidade específica na qual insistimos para nós mesmos. (MORRISON, 2018, p.40)⁸

⁸ Tradução nossa. Em francês: « Pourquoi voudrions nous connaître un étranger quand il est plus facile d'aliéner quelqu'un d'autre ? Pourquoi voudrions nous supprimer la distance quand nous pouvons supprimer l'accès ? Les appels lancés par l'art et la religion en faveur de la courtoisie dans la Communauté des Nations sont à peine perceptibles. J'ai mis un certain temps à comprendre mes prétentions déraisonnables sur cette pêcheuse. À comprendre que je ressentais le désir et le manque d'un aspect de moi-même, et qu'il n'existe pas d'étrangers. Il n'existe que des versions de nous-mêmes, auxquelles nous n'avons pas adhéré pour

Aquele que nos espera

Há um mistério e ele constitui o coração pulsante da busca espiritual, seja através da arte, de certas formas de religião ou, simplesmente, através de experiências individuais. Esse mistério é ao mesmo tempo elusivo, enquanto tal, e tanto mais a ponto de ter-se multiplicado no espelho quebrado com infinitas reflexões. Esse espelho move-se através do tempo e multiplica-se em práticas culturais. Mas este aspecto das coisas, a dimensão sociológica e histórica com que o mistério nos chega, nunca pode cobrir a fonte íntima graças a qual ele se manifesta em todos. É a esta que Toni Morrison nos conduz. E ela o faz de uma forma singularmente poderosa porque consegue associar na sua reflexão os piores aspectos da alteridade vividos e praticados pelos homens, através do racismo. Mas também mostra, e é a romancista que o torna possível, a mulher capaz de pensar o mundo a partir dos prismas dos indivíduos singulares, que esse horror do qual os homens são capazes torna-se possível. Ela encontra a sua fonte em um aspecto inexplorado da vida psíquica: a presença em nós de outro a quem não prestamos atenção.

O outro não é outro eu em mim, nem o eu que um eu real poderia contradizer, mesmo que essas abordagens de si mesmo, seja ele verdadeiro ou falso, verdadeiro e falso, cheguem perto do reconhecimento dessa “entidade” viva em nós que, no entanto, nos faz descobrir fora de nós para alcançá-la. O outro não é um eu que o tenha perdido e eu não sou outro, porque uma ou duas gerações de poetas rimbaldianos o repetiram à exaustão, absolvendo-se assim da sua incapacidade de desvendar o mistério por terem confundido a desinibição espectacular com o comportamento e a espiritualidade. Não sou outra pessoa. O outro, se for apenas um outro eu, é então um reflexo invertido do eu que construímos socialmente e sobre o qual projetamos todas as nossas ansiedades, todos os nossos limites, todas as nossas insatisfações. Mas não é essa a questão.

O que Toni Morrison descobriu nessas seis conferências é tanto a existência em cada um de nós de uma estrutura psicológica que tende a reificar o outro real, aquele ou aquela que nos confronta, e o reconhecimento de outra fonte que torna obsoleta a própria noção de alteridade, de outro.

beaucoup et dont nous voulons nous protéger pour la plupart. En effet, l'étranger ne vient pas d'un autre pays, il est aléatoire ; il ne vient pas d'un autre monde, mais est remémoré ; et c'est la nature aléatoire de notre rencontre avec notre moi déjà connu – bien que non reconnu comme tel – qui suscite une légère vague d'inquiétude. C'est ce qui nous fait rejeter l'image et les émotions provoquées par cette rencontre, surtout quand ces émotions sont profondes. C'est aussi ce qui nous donne envie de posséder, de gouverner et d'administrer l'Autre. D'embellir cette personne, si nous le pouvons, en la renvoyant à nos propres miroirs. Dans un cas comme dans l'autre (d'inquiétude ou de fausse révérence), nous nions son statut de personne, cette individualité spécifique sur laquelle nous insistons pour nous-mêmes ». (MORRISON, 2018, p.40)

Essa estrutura que nos leva a ver no outro um objeto é suficiente para transformar a vida em inferno, se não conseguirmos apreender, compreender e conter ou reter, ou seja, inibir, ainda que parcialmente, esse processo. É que o caminho que percorre aquilo que o mundo nos oferece, que é fascinante e repugnante, afasta-nos, a cada passo, desse segredo sem segredo, que constitui a nossa interioridade mais profunda e oculta. É essa fonte que Toni Morrison percebe e que nos convida a participar, apesar de ter passado a vida a escrever para combater as formas mais aterradoras da alteridade. Mas ela o fez sem nunca perder de vista o fato de que esse aspecto da luta não podia nem devia ocultar que ela tenha deixado uma profunda insatisfação no coração.

Pois a obsessão que carrega esse texto e talvez todo o trabalho de Toni Morrison está no seguinte: como entender que há algo parecido com esse racismo, ou seja, algo que é a admissão de que no coração da psique humana há um mecanismo que transfere ao “outro” um desprezo que, em última instância, só se dirige a si mesmo.

É compreensível que essa distinção entre eu e o outro não seja relevante. Serve apenas para mascarar um fenômeno que raramente é abordado, raramente levado em conta, raramente reconhecido. O que ela sente é que o outro não só não é uma noção eficaz para entender o que está acontecendo conosco, mas aquilo que nomeamos, dizendo que o outro não é uma alteridade, mas um aspecto invisível de uma dimensão que existe dentro de nós em cada um de nós.

Ela própria chega à enunciação dessa dimensão para o reconhecimento do que se poderia chamar o outro absoluto, aquele que tornará obsoleta a noção de alteridade no final de um desvio singular. Ela mencionou e apoiou as observações finais da sua última conferência sobre análises da literatura africana. A esse respeito, ela observa os paralelos entre os tropismos, entre a literatura ocidental e africana sobre a “estrangeirização”, mostrando mais uma vez o quanto uma se constrói como espelho do outro.

Ela apoia-se sobre *Le Regard du roi* [O Olhar do rei], romance de Camara Laye e cuja descoberta foi, para ela, um choque. Esse romance do autor guineense foi publicado na França em 1954. Romance alegórico, ele narra as perguntas e a viagem mística de um homem branco sem escrúpulos na África Negra. Se ela se baseia nesse velho livro, é porque ele destaca os dois aspectos relacionados com a questão da alteridade tal como ela os desenvolveu: o da estraneidade e o da descoberta do outro interior, cujo reconhecimento elimina até mesmo a ideia e a necessidade do outro.

Ao abordar esse livro, ela constata o seguinte: “As figuras literárias da África que ele usa são réplicas exatas de percepções estrangeiras: 1) Ameaça; 2) Depravação; 3) Ininteligibilidade.”(MORRISON, 2018, p.89)⁹

Mas o que é importante no final dessas conferências é apontar, referindo-se a esse livro, tanto o modo como chegamos a esse outro absoluto que habita em nós e está diante de nós, como o modo como o seu encontro sela a inevitável abolição da alteridade como um conceito operativo para pensar a nossa relação com o que se faz. Em outros termos, devemos continuar a chamar outros.

Notemos que Clarence, a personagem central desse romance de Camara Laye, um homem branco e esgotado que de alguma forma perdeu tudo e que está à espera, ao encontrar o rei do território onde se encontra, de ser condenado à morte ou tornar-se um escravo “negro”. Contudo, aquele que se encontra frente a ele e que vai julgá-lo revela-se uma criança.

Não é necessário aqui estender as últimas linhas desse livro de Toni Morrison. Basta citá-las em extenso e deixar que o efeito que inevitavelmente produzirão ocorra.

Clarence avança, rastejando nu até o trono, quando finalmente vê o rei, apenas uma criança coberta de ouro. O ‘vazio assustador’ dentro dele — o vazio que o protegia da revelação — abre-se para receber o olhar do rei. É essa abertura, esse colapso da armadura cultural mantida pelo medo, esse ato de coragem sem precedentes, que marca o início da salvação de Clarence. A sua bênção e a sua liberdade. A criança toma-o em seus braços; envolto nesse abraço, sentindo seu coração muito jovem batendo, Clarence ouve o rei sussurrar estas belas palavras de autêntico pertencimento, palavras que o acolhem no gênero humano: ‘Não sabias que eu te esperava?’. (LAYE, 1954, p. 251 *apud* MORRISON, 2018, p. 92)¹⁰

O que nos espera

Quem é aquele que nos espera senão uma parte de nós mesmos? Julian Jaynes, em seu livro *La Naissance de la conscience dans l'effondrement de l'esprit bicaméral* [O Nascimento da Consciência no Desmoronamento do Espírito Bicameral], responderia: o deus que vive em nós, ou seja, as injunções e lições que ainda hoje detêm o nosso cérebro

⁹ Tradução nossa. Em francês: « Les tropes littéraires de l'Afrique qu'il utilise sont des répliques exactes des perceptions de l'extranéité : 1) Menace ; 2) dépravation ; 3) Inintelligibilité. »

¹⁰ Tradução nossa. Em francês: « Clarence s'avance tout nu en rampant jusqu'au trône, quand enfin il voit le roi, qui n'est qu'un enfant couvert d'or. Le « vide effrayant » qu'il a en lui - vide qui l'a protégé de la révélation) s'ouvre pour recevoir le regard du roi. C'est cette ouverture, cet effondrement de l'armure culturelle maintenue par la peur, cet acte de courage sans précédent, qui marque le début du salut de Clarence. Sa bénédiction et sa liberté. L'enfant le prend dans ses bras ; enveloppé dans cette étreinte sentant battre son tout jeune cœur, Clarence entend le roi murmurer ces propos exquis d'authentique appartenance, propos qui l'accueillent dans la race humaine : " ne savais-tu pas que je t'attendais ? " »

direito. É precisamente disso que nos fala Toni Morrison, da possibilidade que nos é simultaneamente oferecida estruturalmente e proibida culturalmente, não tanto para fazer a paz com um inimigo, um outro, mas para reconhecer como fundamento da emergência da lei do silêncio, sobre a qual a civilização ocidental está situada, essa dupla ação, esse deus no eu que é também o deus que vive em todos.

O Brasil hoje parece carregar todos os estigmas desse descalabro, liderado por um superego que faz da alteridade o polo negativo a ser exterminado, ou pelo menos a ser erradicado da paisagem, como a solução para os problemas do país. No entanto, ele não é nada. Este eu cheio do hélio da vontade de poder, no sentido menos filosófico do termo, é a entidade que nos ensinou a matar nele o outro como semelhante, para externalizá-lo, poderíamos dizer, acima das formas de outros que povoam a realidade, na qual apenas deve-se escolher aqueles que desejamos fazer desaparecer para coalescer o ódio. Mas ele também fornece as soluções que podem ser encontradas se entendermos corretamente o ponto de vista de Toni Morrison. Aqueles que não vêm no ódio do duplo, mas que na aceitação, tanto de si mesmos como da realidade, são legiões. Eles estão ligados à terra, vivem em áreas não-urbanas, carregam vozes que vão além das tradições, essas vozes que uma vez ouvidas não nos deixam. Mas, para que cheguem aos nossos ouvidos internos e externos, é importante que se abram a essa voz em nós que murmura inaudível enquanto não for aceita como possível e ainda mais como real.

Dividir o eu encontra sua verdadeira unidade em não ser um, mas o eterno mais do que um, o eterno em excesso frente a si mesmo. Com a condição, mais uma vez, de que ouçamos nesses excessos a voz paradoxal de inibição que está na raiz de toda cultura, não a que proíbe, mas a que indica que para que as vozes aconteçam em nós, é importante NÃO fazer certas coisas. Como se para que uma porta se abra, você tivesse que se abster de abri-la para deixá-la abrir-se sozinha.

É precisamente isso que está em jogo no final do romance de Camara Laye: a reunião entre os dois lados do que já não pode ser definido como um eu, mas como um nós. É inútil querer torná-la a condição de possibilidade de qualquer remissão do inchaço egoísta, mas é importante ver nela o elemento central de uma abordagem global, incluindo, de fato, a emergência da lei do silêncio nesse duplo cujo reconhecimento torna nulo e vazio o eu e o outro como entidades e como um casal. É importante ver nela o estabelecimento de uma nova norma psicológica que nos permitiria tornar-nos arcaicos e supermodernos, capazes de escutar a alteridade do próximo em nós e capazes de acolher os outros não como estranhos, mas como seres que sempre esperamos, para que nossa completude possa existir.

Referências

- BURROUGHS, W.S. *Le Festin nu*. Trad. Éric Kahane. Paris : Gallimard, 1964
- BURROUGHS, W.S. *Révolution électronique*. Trad. Sylvie Durastanti. Paris : Hors commerce, 1999
- BURROUGHS, W.S. *Essais*. Trad. Gérard-Georges Lemaire. Paris : Bourgois, 2008
- COHEN, Albert. *Belle du seigneur*. Paris: Gallimard, 1968
- DICK, Philip, K. *Siva*. Trad. Robert Louit. Paris : Gallimard, 2006
- DELEUZE, Gilles ; GUATTARI, Félix. *L'Anti-Œdipe*. Paris : Minuit, 1973
- QUIGNARD, Pascal. *Vie secrète*. Paris : Gallimard, 1998
- JAYNES, Julian. *La naissance de la conscience dans l'effondrement de l'esprit*. Trad. Guy de Montjou. Paris : PUF, 1994
- LAYE, Camara. *Le Regard du roi*. Paris : Plon, 1954
- MORRISON, Toni. *L'origine des autres*. Trad. Christine Laferrière. Paris : Bourgois, 2018
- MUSIL, Robert. *L'Homme sans qualités*. Vol IV. Paris: Gallimard, 1958
- MUSIL, Robert. *O Homem sem qualidades*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989. Tradução de: Lya Luft e Carlos Abbenseth.
- RILKE, Rainer Maria *Élégies de Duino*. Trad. Bernard Pautrat. Paris: Payot & Rivages, 2007
- SHELLEY, Mary. *Frankenstein*. Trad. d'Alain Morvan et Marc Porée. Paris : Gallimard, 2015